

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ NASCIMENTO: NEM VERDADE, NEM MENTIRA
1 de outubro de 2024

PILOTOS DA BARRA / 1980

Episódio do programa da RTP Vamos Jogar no Totobola? com realização de José Nascimento

Realização: José Nascimento / Produção: RTP / Música: Jacques Brel, Amsterdam / Cópia: 16 mm (Dual Band), a cores, locução em português / Duração: 12 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca Portuguesa.

TARDE DEMAIS / 2000

Um filme de José Nascimento

Realização: José Nascimento / Argumento: José Nascimento, João Canijo / Diretor de fotografia: Mário Castanheira / Operador de câmara: Ricardo Rezende / Decoração: Isabel Branco / Assistente de plateau: Stephen Malho / Guarda-roupa: Isabel Branco / Assistente de guarda-roupa: Paula Migalhada / Maquilhagem: Emmanuelle Fèvre / Música: Nuno Rebelo / Montagem: José Nascimento, João Braz, Rita Nascimento / Som: Joaquim Pinto / Som adicional: Nuno Carvalho / Som - dobragem: Vasco Pimentel / Bruitage: Pascal Mazière / Misturas: Vasco Pimentel, Hans Künzi / Interpretação: Vítor Norte (Zéo), Adriano Luz (Manel), Nuno Melo (Joaquim), Carlos Santos (António), Francisco Nascimento (João), Ana Moreira (Laura), Rita Blanco (Arlete), Suzana Borges (mãe de Laura), José António Aranha (João do Vau), João Miguel Rodrigues (Nando), Raul Henriques (eng. Almeida), Luís Elgris (oficial da Polícia Marítima), Gustavo Sumpta (mestre do catamaran), Virgílio Gança (comandante dos bombeiros), Francisco Nunes (Vicente), Manuel Aranha (Lucas), Carlos Lopes (Albino), Daniel Silva (guarda da GNR), Carlos Morgado (comandante da GNR), Alberto Cardoso (operário), José Neto (pescador 1), António Soares (pescador 2), José Maria Vaz da Silva (cigano na GNR), Mariana Koenders (sentinela), Alexandre Cebrian Valente (homem do táxi).

Empresa produtora: Madragoa Filmes - Gémini Films, RTP, com participação financeira do ICAM / Produção: Paulo Branco / Produção em França: Elisabeth Bocquet, Marielle Duigou / Coordenação de produção: Marta Cardoso / Direção de produção: Alexandre Cebrian Valente / Pós-produção: Marta Paixão, Joaquim Carvalho / Etalonagem: Dora Rolim / Assistente de realização: José Maria Vaz da Silva / Anotação: Paulo Belém / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 96 minutos / Estreia Nacional: 31 de março de 2000 / Primeira Apresentação na Cinemateca: 11 de março de 2004 (Sóbolos rios).

Duração total da projeção: 108 minutos.

Sessão com a presença do realizador.

Pilotos da Barra

Episódio da série de assínvel longevidade na programação da RTP *Vamos Jogar no Totobola?*, **Pilotos da Barra** é exibido entre dois separadores que nos informam sobre a chave do totobola daquela semana. Um artifício audiovisual curioso é a opção da televisão pública em fazer a leitura do boletim do totobola de maneira faseada, programando de permeio, à laia da velha escola inglesa, chefiada por John Grierson, um documentário de estilo informativo e de interesse público, como este o é inegavelmente, ao produzir um retrato dos chamados “pilotos da barra” que trabalham em pleno Tejo. Estes profissionais marítimos prestam auxílio aos comantes de navios que dão entrada ou saída do porto da cidade de Lisboa, orientando ou manobrando autênticos “monstros marinhos”, no dizer da narração em *over* que, como era apanágio da locução televisiva da época, conta e canta o ofício recorrendo a vários ornamentos linguísticos de valor poético relativo.

À semelhança de outros importantes nomes da história do cinema português, tais como Fernando Lopes e José Fonseca e Costa, José Nascimento “testou reflexos” na televisão, tendo realizado dezenas de programas e alguma publicidade. **Pilotos da Barra** é somente um de mais de uma dezena de episódios rodados pelo próprio para esse programa da RTP. A curiosidade em relação a estas imagens prende-se, claro, com uma certa ligação à paisagem do Tejo: Nascimento virá a substituir os grandes “monstros marinhos”, manobrados de maneira expedita e profissional às mãos de pilotos “rápidos e políglotas”, por uma traineira apodrecida que afundou no Mar da Palha, deixando entregue à sua sorte, imerso nas águas geladas, um grupo de quatro pescadores. A história era baseada numa tragédia bem real, reportada pouco tempo antes da inauguração da Expo 98 e a cinco anos do início do novo milénio: *quo vadis*, Portugal? O documentário televisivo anódino surgia, assim, como *repérage* para uma ficção declaradamente política?

Talvez, mas uma coisa é certo: de **Pilotos da Barra** para **Tarde Demais**, no espaço de 20 anos, o tom didático, galvanizador de um tipo de pessoas que vivem *do e no* Tejo, é substituído pelo registo brutal de uma luta pela sobrevivência levada a cabo por anónimos pescadores portugueses a tentar sobreviver num Portugal que pouco queria saber da sua sorte. A ironia trágica radicava no facto de estar sempre ali, a uma distância aparentemente curta, diante dos agonizantes pescadores naufragados, a vista da capital. Escreveu João Mário Grilo, na revista *Visão* (30/03/00), que este era “o nosso (mais) verdadeiro Titanic”.

Luís Mendonça

Tarde Demais

Tarde Demais baseia-se num caso verídico: o naufrágio de um barco de pesca artesanal em pleno rio Tejo, sucedido em meados da década de 90. A leitura de relatos do acontecimento aparecidos na imprensa motivou José Nascimento a querer saber um pouco mais sobre as circunstâncias que rodearam o acidente, e sobre as pessoas envolvidas. O facto de toda a tragédia se ter desenrolado em pleno estuário do rio Tejo, com “Lisboa ao fundo”, acrescentava à história um dramatismo com o seu quê de surrealista, no sentido mais comum (e incorreto) da palavra. Por outro lado, e esse pormenor não terá certamente deixado de estar também na raiz do interesse de José Nascimento, todo o episódio não deixava de revelar uma série de profundas contradições e desequilíbrios do Portugal moderno e supostamente “europeu”: a demora na reação das autoridades, as dificuldades burocráticas para acionar os mecanismos de socorro, foram questões cruciais e permitiam, numa reflexão sobre o acidente, sublinhar os contrastes internos do país. Nascimento resumiu assim aquilo que o interesse despertado por esta história o impeliu a fazer: “Peguei na minha câmara de vídeo e comecei por fazer um levantamento pormenorizado da sequência dos acontecimentos, recolhi os testemunhos dos sobreviventes, senti o desespero da espera e a dor das famílias. Envolvi-me definitivamente com os futuros personagens do filme quando soube que um dos pescadores era pai de uma amiga minha”. E acrescentou que o filme começou assim a nascer, de modo quase involuntário: “A dramaturgia estava desde o início traçada. Qualquer aproximação ao tema era, só por si, estimulante. O filme já tinha começado a acontecer sem que eu tivesse dado por isso”.

Sem pretender ser uma “reconstituição” tintim por tintim do que realmente aconteceu naquelas 24 horas (mais hora menos hora) em que a tragédia se desenrolou, **Tarde Demais** mantém-se sempre fiel, em linhas gerais, à evolução dos acontecimentos. Numa primeira parte acompanhamos, exclusivamente, o que se passa a bordo do pequeno barco naufragado ou em vias de naufragar, mais tarde a atenção começa também a centrar-se nas reações em terra, os familiares e os amigos que começam a achar estranha a demora, as tentativas de “fazer qualquer coisa”, os embates com as dificuldades burocráticas, o desespero e a ansiedade.

Ao mesmo tempo, Nascimento acrescenta, para efeitos dramáticos, uma série de histórias pessoais que rodeiam os pescadores entre eles e os seus familiares, no que é sobretudo uma maneira de “decompor” um drama coletivo num conjunto de dramas individuais. Isso nota-se, por exemplo, na maneira como é definido o recorte psicológico das várias personagens dos pescadores – para além da história comum que os une, para além do naufrágio e das expectativas sobre a chegada das equipas de salvamento, o interesse do filme deposita-se na maneira como cada um reage aos acontecimentos, na maneira como dissensões e problemas pessoais entre eles explodem ou são atenuados pela convivência numa situação tão extrema. Em boa parte, é de todas as tensões geradas por essa convivência forçada em tais circunstâncias que o filme retira grande parte da sua energia “crispada” e a usa para construir uma atmosfera terrivelmente “nervosa” – é um bocadinho a lógica do *huis clos*, visto que, mesmo se tudo decorre a céu aberto, os pescadores estão confinados a um espaço estritamente delimitado.

Em certa medida, talvez se possa dizer que quando o filme se “descentra” e passa a focar a sua atenção também no que vai acontecendo em terra, essa energia se dissipa um bocadinho, perdendo-se com isso alguma consistência dramática. Por outro lado, atendendo à intenção de chegar a um relato “total”, onde são importantes as dificuldades surgidas em terra, é difícil pensar que o filme pudesse ter outra estrutura. E, no fundo, nada disso impede (bem pelo contrário) que **Tarde Demais** seja um dos mais pertinentes filmes portugueses contemporâneos no que toca a um olhar sobre um país com uma crónica dificuldade em olhar para os seus próprios contrastes internos.

Luís Miguel Oliveira